

**EDUARDO VIVEIROS
DE CASTRO**

metafísicas
canibais

Elementos para uma
antropologia pós-estrutural

ubu *N-1*
edições

- 9 NOTA DA EDIÇÃO
- 11 ESCLARECIMENTOS E AGRADECIMENTOS

PRIMEIRA PARTE **O ANTI-NARCISO**

CAPÍTULO 1

- 19 UMA NOTÁVEL REVIRAVOLTA

CAPÍTULO 2

- 33 PERSPECTIVISMO

CAPÍTULO 3

- 55 MULTINATURALISMO

CAPÍTULO 4

- 71 IMAGENS DO PENSAMENTO SELVAGEM

SEGUNDA PARTE **CAPITALISMO E ESQUIZOFRENIA DE UM PONTO DE VISTA ANTROPOLÓGICO**

CAPÍTULO 5

- 99 UM CURIOSO ENTRECruzAMENTO

CAPÍTULO 6

- 113 UMA ANTISSOCIOLOGIA DAS MULTIPLICIDADES

CAPÍTULO 7

- 133 TUDO É PRODUÇÃO: A FILIAÇÃO INTENSIVA

TERCEIRA PARTE **CONTRA AS FILIAÇÕES CELESTIAIS: A ALIANÇA DEMONÍACA**

CAPÍTULO 8

- 155 METAFÍSICA DA PREDACÃO

CAPÍTULO 9

- 171 XAMANISMO TRANSVERSAL

CAPÍTULO 10

- 183 A PRODUÇÃO NÃO É TUDO: OS DEVIRES

CAPÍTULO 11

- 201 AS CONDIÇÕES INTENSIVAS DO SISTEMA

QUARTA PARTE **O COGITO CANIBAL**

CAPÍTULO 12

- 217 O INIMIGO NO CONCEITO

CAPÍTULO 13

- 233 DEVIRES DO ESTRUTURALISMO

- 265 BIBLIOGRAFIA

- 285 SOBRE O AUTOR

É em intensidade que é preciso interpretar tudo.

O ANTI-ÉDIPO

Nota da edição

Este livro foi publicado originalmente em francês (*Méta-physiques cannibales*. Paris: PUF, 2009), com tradução do português de Oiara Bonilla. Nesta edição brasileira, Isabela Sanches cotejou e restaurou trechos originais em português, Célia Euvaldo traduziu os acréscimos, e o texto final foi inteiramente revisto pelo autor.

Em citações de obras estrangeiras, o autor quase sempre se baseou na edição original. Nos casos em que adotou edições brasileiras disponíveis, o autor tomou a liberdade de alterar pontualmente a tradução. Quando possível, citamos as páginas da edição brasileira, ainda que a tradução tenha sido modificada. Na bibliografia, optamos por dar a referência tanto da edição original quanto da edição brasileira.

Esclarecimentos e agradecimentos

Este livro, publicado originalmente em francês, está baseado em pesquisas expostas em diversas publicações já existentes, as quais foram adaptadas em vista do presente formato. Este visa principalmente a um público de não especialistas, leitores com uma formação filosófica geral mas de quem não se supõe grande familiaridade com a teoria antropológica e a etnologia dos povos ameríndios. O livro procura destacar a linha de coerência que liga essas publicações anteriores, e portanto o projeto intelectual mais amplo que as motivou. Os textos de referência mais importantes são:

1. “Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena”, in Eduardo Viveiros de Castro, *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Ubu Editora, 2017, pp. 299-346.
2. “And”. *Manchester Papers in Social Anthropology*, n. 7, 2003, pp. 1-20.
3. “Perspectival Anthropology and the Method of Controlled Equivocation”. *Tipiti – Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America*, v. 2, n. 1, 2004, pp. 3-22.
4. “Filiação intensiva e aliança demoníaca”. *Novos Estudos – Cebrap*, n. 77, mar. 2007, pp. 91-126.
5. “Xamanismo transversal: Lévi-Strauss e a cosmopolítica amazônica”, in Ruben Caixeta de Queiroz & Renarde Freire Nobre (orgs.). *Lévi-Strauss: leituras brasileiras*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008, pp. 79-124.

Hesitei bastante; tergiversei, e procrastinei, e outros verbos da família, antes de aceitar publicar *Metafísicas canibais* no Brasil. A razão era que eu contava escrever uma versão muito aumentada, que ampliasse a cobertura bibliográfica, consolidasse os fundamentos etnográficos de certos capítulos, aprofundasse a formulação de algumas passagens de modo a deixar mais claras as implicações, epistemológicas e políticas, da concepção de antropologia aqui desenvolvida, e fosse ainda mais direta na identificação das correntes e personalidades teóricas que, no meu entender, militam em sentido contrário a tal concepção. (Contava também assim, é claro, acertar as contas com as críticas e polêmicas que meu trabalho, a edição francesa das *Metafísicas* inclusive, despertou.) Por outras palavras, passei alguns anos fantasiando que iria finalmente escrever *O Anti-Narciso*, a obra de que *Metafísicas canibais* é apenas a “resenha”, como explico logo em suas primeiras páginas. Incomodava-me, sobretudo, o fato de que este livro que o leitor tem diante de si, apesar de trazer diversas passagens importantes inéditas, é essencialmente uma colagem de textos já publicados, sobretudo conhecidos em minha comunidade profissional (em alguns casos, mais além), e que a reaparição de parágrafos ou mesmo de capítulos inteiros que já haviam sido publicados em português, agora apresentados em “nova embalagem”, seria simplesmente equivalente a um autoplágio, a maldição de todo intelectual, cientista ou artista em decadência.

A decisão de, não obstante, publicar esta tradução foi tomada quando me vi obrigado a aceitar que *O Anti-Narciso* jamais será escrito. Ele jamais o será, de fato – por diversas razões: seja a impossibilidade de desenvolver todas as teses e argumentos aqui contidos, em vista do aumento expo-

nencial da literatura pertinente (boa parte da qual se refere diretamente a *Metafísicas canibais*);¹ seja a preguiça, o cansaço e a idade; seja, por fim, sintetizando tudo o que precede, o sentimento de já ter dito, em minha carreira como antropólogo, tudo o que tinha a dizer de útil, na medida da competência e do talento – ou da falta deles – que me couberam. A inexistência continuada deste livro em português deixava, neste caso, de se justificar, e acabava dando uma impressão desagradavelmente esnobe (acabo de ter notícia, enquanto escrevo estas linhas, de que se prepara uma tradução coreana). Por isso, enfim, aqui vai ele – para constar, por assim dizer. Mas talvez eu tenha a sorte de encontrar leitores, como encontrei na França e nos países de língua inglesa e espanhola, que não conheçam os artigos originais que o livro costura, com destreza variável, em uma única peça, e que possam, por isso, fazer bom proveito dele.

Muitas pessoas contribuíram para a realização dos estudos acima listados; a maior parte delas aparece na bibliografia ao final do volume. Gostaria, no entanto, de inscrever já aqui os nomes de Tânia Stolze Lima, Marcio Goldman, Martin Holbraad, Peter Gow, Déborah Danowski, Marilyn Strathern, Bruno Latour, Marshall Sahlins, Casper Jensen, Oiara Bonilla, Philippe Descola e Anne-Christine Taylor, a quem sou grato por terem, a títulos diversos, ocasionado, colaborado, inspirado, apoiado, criticado, e assim, de uma ou outra maneira, melhorado as ideias avançadas no livro. Agradeço por fim a Isabela Sanches e a Célia Euvaldo, que reconstitui-

1. Pense-se no alarido provocado pela expressão – que não é minha – “virada ontológica”, movimento (ou algo assim) a que meu trabalho e meu nome terminaram associados, e do qual o presente livro seria um dos exemplos mais ultrajantes.

ram a colcha de retalhos multilíngue a partir do qual trabalhou a tradutora para o francês e me ofereceram uma versão-base em português para que existisse, finalmente, um texto corrido capaz de ser lido e revisto por mim.

A primeira versão de *Metafísicas canibais* foi apresentada em uma série de quatro conferências feitas no Instituto de Estudos Avançados de Paris, instalado na Maison Suger, em janeiro de 2009. Agradeço a Yves Duroux e Claude Imbert por seu generoso convite e o ambiente de trabalho estimulante que me forneceram durante aquelas semanas inverniais. Por último, mas não certamente por menos importante, devo agradecer a meu amigo Patrice Maniglier, que tornou o livro possível, ao sugerir o convite ao IEA, ao propor sua publicação, ao oferecer o contexto ideal para isso – a nova coleção *MétaphysiqueS* da PUF, que este livro inaugurou –, e ao me obrigar, literalmente, a escrevê-lo. Acima de tudo, sou-lhe reconhecido pelo que ele próprio escreveu, sobre temas muito próximos, que me despertaram o desejo de emprender esta obra, simplesmente porque, em seus trabalhos, eu não só havia aprendido algo de novo, como também porque concluía, ao lê-los, que eu não havia andado muito errado em meus estudos anteriores.

A presente edição em português não traz qualquer modificação importante em relação à versão francesa de 2009, à parte um que outro retoque estilístico ou alguma correção déftica. Tomei medidas estritas, em suma, para não escrever um outro livro. Mentiria se dissesse que tive sucesso absoluto em obedecer a mim mesmo.

Por fim, gostaria de advertir o leitor sobre o caráter esquemático e apressado do último capítulo. Seu esquematismo é ainda mais acentuado que o dos que o precedem;

mas ao menos, espero, é também mais provisório, uma vez que pretendo (não é a primeira vez que o digo) ver publicada, em breve, uma monografia sobre a mitologia estrutural de Lévi-Strauss, onde as proposições avançadas no capítulo “Devires do estruturalismo” serão retomadas, muitas delas revistas, e outras consideravelmente desenvolvidas. *O Anti-Narciso* não será escrito, mas isso ainda não é tudo...

Sobre o autor

EDUARDO BATALHA VIVEIROS DE CASTRO nasceu em 19 de abril de 1951, no Rio de Janeiro. Coursou a graduação em ciências sociais na PUC-RJ. Em 1974, ingressou no Programa de Pós-graduação do Museu Nacional (UFRJ) com um projeto de mestrado em antropologia urbana. Em 1976, uma breve visita a um povo indígena, os Yawalapíti, desviou-o para a etnologia indígena. Terminou seu mestrado em 1977, sob orientação de Roberto DaMatta, com uma dissertação sobre esse povo aruaque do Alto Xingu. Em 1978, tornou-se docente do Museu Nacional, onde é hoje professor-adjunto de etnologia. Obteve seu doutorado na mesma instituição, em 1984, com uma tese sobre a cosmologia dos Araweté, um povo tupi-guarani do Pará, junto a quem residiu em 1981-1982 e com o qual mantém contato. A tese, premiada pela Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), foi publicada em 1986 no Brasil e em 1992 nos Estados Unidos.

Seu trabalho posterior versou sobre temas etnológicos como parentesco, corporalidade, cosmologia e guerra, abordados em uma série de artigos, entre os quais se destacam “Alguns aspectos da afinidade no dravidiano amazônico” (1993), que teve grande impacto nos estudos de parentesco dessa região, e, sobretudo, “Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio” (1996), cujo insight teórico influenciou a reflexão antropológica em todo o mundo, sendo traduzido para diversas línguas.

O autor foi professor visitante nas universidades de Chicago (1991) e de Manchester (1994). Em 1997-1998, ocupou a Cátedra Simón Bolívar de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Cambridge, quando tornou-se também *Fellow* do King's College. Entre 1999 e 2001, trabalhou como diretor de pesquisa do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS, Paris), junto à Equipe de Recherche en Ethnologie Amérindienne, que o elegeu membro permanente. Foi também professor e pesquisador-visitante na Universidade de Paris x (Nanterre), na École Pratique des Hautes Etudes, na École des Hautes Etudes en Sciences Sociales e na Universidade de São Paulo. Em 1998, recebeu o Prix de la Francophonie da Academia Francesa, e, em 2004, o prêmio Érico Vanucci Mendes do CNPq. Recebeu ainda, em 2008, a Ordem Nacional do Mérito Científico, concedida pela Presidência da República e pelo Ministério de Ciências e Tecnologia e o título de Doutor *honoris causa* da Universidade de Nanterre em 2014.

Eduardo Viveiros de Castro é casado com Déborah Danowski, com quem tem uma filha, Irene.

LIVROS

- Araweté: Os deuses canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Anpocs, 1986. [republicado como *From the Enemy's Point of View: Humanity and Divinity in an Amazonian Society*. Chicago: The University of Chicago Press, trad. de Catherine Howard, 1992.]
- Araweté: O povo do Ipixuna*. São Paulo: Cedi, 1992.
- Amazônia: Etnologia e história indígena* [organizador em colaboração com Manuela Carneiro da Cunha]. São Paulo: NHI-USP/Fapesp, 1993.
- Antropologia do parentesco: Estudos ameríndios* (org.). Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995.

- A inconstância da alma selvagem* [2002]. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- Qu'est-ce qu'un corps? (Afrique de l'Ouest/Europe occidentale/Nouvelle-Guinée /Amazonie)*. Paris: Musée du Quai Branly/Flammarion, 2006. [organizador em colaboração com S. Breton, J.-M. Schaeffer, M. Houseman e A.-C. Taylor].
- Encontros: Eduardo Viveiros de Castro* (org. Renato Sztutman). Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2008.
- Métaphysiques cannibales. Lignes d'anthropologie post-structurale*. Paris: PUF, 2009.
- Há mundo por vir?* [com Déborah Danowski]. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2014.
- Variações do corpo selvagem*. Catálogo de exposição. Curadoria Eduardo Sterzi e Veronica Stigger, Sesc São Paulo, 2017.

© Presses Universitaires de France, 2009

Imagem de capa: Flor de Narciso. Alabama Plant Atlas/
Troy University Herbarium/col. A. R. Diamond

UBU EDITORA

COORDENAÇÃO EDITORIAL Florencia Ferrari

ASSISTENTE EDITORIAL Isabela Sanches

PREPARAÇÃO Gabrielly Silva

REVISÃO Humberto Amaral e Mariana Delfini

PRODUÇÃO GRÁFICA Lilia Goes

N-1 EDIÇÕES

COORDENAÇÃO EDITORIAL Peter Pál Pelbart e Ricardo Muniz Fernandes

PROJETO GRÁFICO Érico Peretta

*Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa, com exceções exigidas pelo autor.*

*Cet ouvrage a bénéficié du soutien des Programmes
d'aide à la publication de l'Institut français.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Viveiros de Castro, Eduardo [1951-]

Metafísicas canibais: Elementos para uma antropologia
pós-estrutural: Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo:
Ubu Editora, n-1 edições, 2018. 288 pp.

ISBN 978-85-92886-06-6 [UBU EDITORA]

ISBN 978-85-66943-17-7 [N-1 EDIÇÕES] CDD-301

Índices para catálogo sistemático:

1. Antropologia Social 2. Etnologia ameríndia
3. Teoria antropológica I. Título

UBU EDITORA

Largo do Arouche 161 sobreloja 2

01219 011 São Paulo SP

(11) 33312275

ubueditora.com.br

N-1 EDIÇÕES

rua Frei Caneca, 322, cj. 52

01307 000 São Paulo SP

n-1edicoes.org

FONTE Calluna e Franklin Gothic

PAPEL Munken Print Cream 80 g/m²

IMPRESSÃO Geográfica

**INSTITUT
FRANÇAIS**